

SANGARE OKAPI, O COMPLEXO ESTIVADOR EXISTENCIALISTA

Dionísio Bahule¹

Resumo: Nega-se pensar a poesia fora do universal – ou daquilo que se traduz por – ontologia – sendo o lugar de maior privilégio da arte – o Ser no espaço mais recôndito. Mas a angústia – como denúncia da existência e, da insatisfação criada pela circunstância descreve a Literatura Moçambicana do período Pós 2000 – o que chamo de Poetologia Existencial. No «Inventário de Angústias ou Apoteose do Nada» do Sangare Okapi traduz esta estética filosófico-literária que se instala no centro do trágico e na visão dramática da condição humana, como também, nas contradições e carências do País que se chama Moçambique.

Palavras-Chave: Ser. Angústia. Poesia. Existência. Literatura.

Abstract: It is denied to think of poetry outside the universal - or of what is translated by - ontology - being the most privileged place of art - Being in the most hidden space. But the anguish – as the denunciation of existence and of the dissatisfaction created by the circumstance describes the Mozambican Literature of the post 2000 period - what I call Existential Poetology. In Sangare Okapi's “Inventory of Anguishes or Apotheosis of Nothing” he translates this philosophical-literary aesthetic that takes place at the center of the tragic and dramatic view of the human condition, as well as in the contradictions and needs of the country that is called Mozambique.

Keywords: Being. Anguish. Poetry. Existence. Literature.

¹ Dionísio Bahule, formado em Filosofia e História pela Universidade Pedagógica de Moçambique. Fez estudos de Literatura e Cinema. Foi comentador residente na Televisão de Moçambique como Crítico de Arte. Actualmente é Docente na Faculdade de Ciências da Linguagem, Comunicação e Artes na Universidade Pedagógica em Maputo onde também lecciona no Instituto Superior de Comunicação e Imagem de Moçambique – ISCIM. Participa de Colóquios sobre *Arte, Esética, Literatura e Comunicação*. Faz recessões críticas e prefácios de livros.

“*Antes estar só era casual. Agora estar só é um ritual.*”

OKAPI, Sangare

Quando se lê Sartre, Heidegger, Kierkegaard ou Gabriel Marcel encontra-se um poetológico indicador quase que religioso ao que o homem¹ de Messkirch faz ao perseguir uma «fenomenologia da vida», [cujo tampo de apoio se torneia] nas experiências-limite da existência pessoal², (i): pela angustiante costura que o invade ao se descobrir de frente ao absurdo da contigência e (ii) pelo aspecto que demarca a preocupação peremptoriamente existencial no edifício metatextual que Sangare Okapi escurtina cirurgicamente no *Inventário de Angústias ou Apoteose do Nada*.

Aliás, ao discernirmos telegraficamente os títulos: *O Ser e o Tempo*, de Martin Heidegger, *O Ser e o Nada* de Jean-Paul Sartre, «*O Conceito de Angústia*», de Vigilius Haufniensis³, e «*O Mistério do Ser*» de Gabriel Marcel encontramos pautado um polifónico jogo de permuta de sentidos do existir como possibilidade. O possível, enquanto *phatos* de tecelagem e ossatura do ser dentro do exercício de desocultação, contrapõe-se aqui ao humanismo clássico cujo plano de fundamentação do existir humano implica a existência de uma faculdade superior a outras onde, de um lado, Sócrates⁴ e, de outro, Platão são “rótulos” representa-

¹ Ao dar o que chamou o “passo de volta” ou seja, um retorno aos gregos, não meramente temporal e histórico, ou seja, de um saudosismo romântico, rastrea o núcleo central do Ser ao modelo dialógico com o Ocidente Tradicional.

² HABERMAS, J., *Textos e Contextos*. Ed. Instituto Piaget. Lisboa. 2001

³ Pseudônimo de Sören Kierkegaard. Para este, a «angústia pode ser comparada com a vertigem. [...] É a vertigem da liberdade que surge quando o espírito quer pôr a síntese, e a liberdade então fixa os olhos no abismo de sua própria possibilidade e aí agarra a finitude para segurar-se (1997:365).

⁴ Segundo muitos estudiosos ele surge como a primeira menção ao existencialismo.

tivos desta cultura metafísico-moral, que tem Kierkegaard e Nietzsche como seus irredutíveis críticos. Para estes, o mais importante era que se deixasse de procurar a transcendência para que a existência humana encontrasse sentido. Nesse cenário,

Ao contrário do animal, o ser humano não tem impulsos e instintos que lhe indique de forma automática tudo o que deve fazer. Então, ao contrário do ser humano do passado, o de hoje não tem mais os valores e as tradições que lhe possam indicar aquilo que deveria fazer. Com muita frequência, pois, ele desconhece o que fundamentalmente desejaria fazer e expõe-se a um grave perigo: ou deseja fazer o que os outros fazem [...] ou faz o que os outros desejam ou ordenam que ele faça (FRANKL, 1997:18).

Essa corrosiva obsolescência que eferma o homem pós-moderno coloca-nos em contacto permanente com o desespero, com o medo, com a angústia, com o nada, com os contravalores ou, com os valores despersonalizantes, como é o caso do narcisismo e da chamada derrota do pensamento a favor da sedução que hoje nos faz já a «não [estarmos] confrontados com a frustração sexual, como no tempo de Freud, mas antes com a frustração existencial»⁵, uma vez que as soluções colectivas – sejam elas as grandes verdades religiosas ou as utopias políticas desapareceram das nossas sociedades pluralistas e secularizadas num cenário onde «a crise contemporânea [...] não é apenas a dos quadros morais tradicionais legados pelas grandes correntes religiosas; é igualmente a dos valores laicos que os vieram substituir (ciência, progresso, emancipação dos povos, ideais solidaristas e humanistas)»⁶.

Aquele a quem esboçou as balizas, com a célebre frase “Conhece-te a ti mesmo”. O homem é estimulado a conhecer-se a si mesmo antes de qualquer outra coisa perante o mundo.

⁵ LIMA; MENESES, *Bioética e Teologia: As Qualidades de Vida*. Lisboa. Ed. IF PRESS. 2012

⁶ BINDÊ, Jérôme. *Para Onde Vão os Valores?* 237ed. Instituto Piaget. Lisboa. 2006

Com a insegurança e a violência nas cidades, nos bairros e nas ruas [da Capital Moçambicana] e, ainda, com a decadência do que se convencionou chamar de “Belle Époque” – período em que nas grandes cidades europeias, como Paris e Viena, frequentava-se o Café-Concerto e os teatros de Boulevard, os espectáculos de Ópera e os Salões de Chá, bem como o fim dos “Loucos Anos Vinte”, apagados com as transformações dos episódios das duas grandes guerras mundiais que abalaram de maneira intensamente negativa toda a humanidade, os elementos – angústia (como experiência ontológica do nada) e, o nada (como espaço de (re) invenção), entretecem a cavaqueira poética de Sangare Okapi, que desmonta com claros périplos textuais uma humanidade irreconhecível num mundo flutuante, flexível e marcado pela influência emocional e intelectual de imagens efémeras.

Este pictórico quadro histórico-cultural que permeia o sistema de passagem do moderno ao pós-moderno questiona não só o descaso terminológico, mas também o talho superficial de alguns aspectos fundamentais sobre o «*Inventário de Angústias ou Apoteose do Nada*», de Sangare Okapi, contidos na apresentação da Sara Jona com o título: «*Homenagem Grandiosa a Angústias Surgidas do Nada do seu Entre o Índico e o Atlântico*» publicado sob tutela da Ndjira em 2013. Ao ter dito que,

Ler o livro de Sangare Okapi foi como ouvir um esclarecimento que insinua que fiquemos atentos aos males do mundo, mas que não nos detenhamos neles. [*e que*] o sujeito poético criado pelo autor celebra as angústias, de forma obsessiva, no seu livro. [...] se pensarmos que sendo dolorosas, as angústias poderiam ser relegadas ao esquecimento ou ao afastamento da convivência dos humanos, ou ainda serem apenas combatidas e esquecidas, (JONA, 2013:163).

Ela deixa escapar elementos que se ancoram na poesia de San-

gare que, pela particularidade e seu campo semântico, obrigam-nos a «redimensionação da leitura inicial» sob a óptica dum escritor que se enfilara no contexto filosófico-literário do existencialismo que tem: (i) na existência duas abordagens possíveis: a). da existência em si, independentemente de qualquer conhecimento possível e, b). da existência na experiência – actual ou possível – por oposição ao nada. Entende-se que a existência é própria do *Da-sein* – *de um ser que se encontra já lançado no mundo*; (ii) uma visão dramática da condição humana e na insegurança o ponto de acesso à angústia e à circunstância.

Ao fazer-se essa triangulação, fazêmo-la porque a natureza humana é dominada pela angústia, entendida como sentimento que temos ao perceber a instabilidade de viver num mundo de acontecimentos possíveis, sem garantia de que nossas expectativas sejam realizadas. Isso leva-nos a afirmar que ela não se afasta e nem se relega a um plano qualquer. É o fundamento da existência, elemento que se consubstancia no projecto humano. Pensar de forma contrária é admitir que ela é conquista do homem. O que não é.

Possivelmente, tenha acontecido o que ela diz no texto: «*A Crítica Produz Sentidos e a Ciência trata de Sentidos: algumas Sugestões para se Fazer a Crítica Literária*», «o que pressupõe que o crítico deverá recorrer a outras ciências que o ajudem a gerar esses diferentes sentidos⁷». Acrescentando: «Trigo distancia-se das fórmulas fixas da crítica literária, na qual se usa um modelo universal e absoluto de análise literária. [E aceito]. Existem vários modelos interpretativos⁸», mas o plano semântico como um canal esférico é a primeira janela de acesso à delimitação sem com isso se descurar de outros planos: fônico, formal, ideológico. Pode-

⁷ JONA, Sara., *Entre o Índico e o Atlântico. Ensaios sobre literatura e outros textos*. Ndjira. Maputo. 2013.

⁸ Ibid.

mos assim verificar que

os tratados de poética são sempre o resultado de um compromisso: entre princípios, em grande parte herdados do passado, e tendências contemporâneas da cultura. A mistura varia consoante o empenho militante do tratadista e a sua sensibilidade relativamente às épocas. Outra coisa são as poéticas implícitas em cada obra, em cada autor, ou em períodos literários bem caracterizados; as poéticas enquanto consciência formal dos artistas e das épocas, tal como se deduz das suas práticas, bem como, evidentemente, das suas tomadas de posição explícitas, (SEGARE, 1999:335).

Ora, se knopfli é para Saúte aquele que nos soube emprestar «a modernidade⁹, o ecletismo e o complexo entendimento de que os dogmas identitários não podem nem devem explicar facilmente a moçambicanidade¹⁰», Sangare Okapi é para nós o intérprete mais original e convicto da condição pós-moderna do homem ao saber delimitá-la na bipolaridade que é em si o fundamento da existência. Vista numa acrobática tecitura fônica, a viagem de Okapi inrompe com o percurso os psico-sócio-dramas revisitados por Rui Cartaxana.

Hoje acontece dizer o que a voz somente não pode, mas incansavelmente pede. Há um pequeno país no meu país: chama-se Angústia. (OKAPI, 2005, p.1).

Reconhecendo a dificuldade de emprestar voz a angústia, o sujei-

⁹ A ideia da modernidade, na sua forma mais ambiciosa, foi a afirmação de que o homem é aquilo que faz, devendo, portanto, existir uma correspondência cada vez mais estreita entre a produção – tornada mais eficaz pela ciência, pela tecnologia ou pela administração –, a organização da sociedade regulamentada pela lei e vida pessoal, animada pelo interesse, mas também pela vontade de se libertar de todas as imposições; esta modernidade mesmo e sobretudo quando apela à liberdade do sujeito, tem por fim a submissão de cada um aos interesses do todo, quer se trate da empresa, da nação, da sociedade ou da própria razão (TOURAINÉ, 1992:9).

¹⁰ SAÚTE, Nelson., *Nuncca Mais é Sábado*. Dom Quixote. Lisboa. 2004.

to poemático remete-nos à «analítica ou à fenomenologia da existência [entendida como] uma fenomenologia da finitude radical do homem, a quem Heidegger retira qualquer ilusão de permanência metafísica ou religiosa¹¹». A este lugar, pequeno país num país macro que aceitamos que seja o corpo (porta de acesso à mundividência da interioridade) constitui não só o ponto culminante da autenticidade; é tão isto, o laço que nos leva a uma experiência de angústia e solidão, porque «para recuperar a posse de nós mesmos e das coisas de modo autêntico, há que realizar uma espécie de ensaio experimental, na solidão e no silêncio¹²» igual ao que o filósofo de Friburgo fez ao se retirar para a Cabana da Floresta Negra.

Perante este psicodrama que, segundo Noa, na literatura moçambicana, mais do que nunca, representa na actualidade um verdadeiro humanismo angustiado, é *um ritual de estar só*, mas fora de nós e abertos ao contínuo processo de busca pelo sentido para coapitado trinómio: *Ser: Angústia e Nada* numa transitiva «fluidez que penetra os recantos poeirentos e particulares da psique¹³» humana.

Para que a morte em mim encontre a sua jaula, colho
Inventos de dor e anéis de Angústias. Humilde como todas
as flores em Abril, reinvento alguma tristeza: todo o amor
renuncio (OKAPI, 2005, p.14).

O anel da antecipação da morte¹⁴ que faz vir «o sentimento da

¹¹ HOTTOIS, Gilbert. *História da Filosofia, Da Renascença à Pós-Modernidade*. 96ª ed. Lisboa. Rama – Artes Gráficas, LTDA. 2003

¹² BODEI, Remo. *A Filosofia do Século XX*. 35ª ed. Lisboa. Edições 70. 1997

¹³ PROSE, Francine., *Ler Como Um Escritor*. Casa de Letras. Portugal. 2007. p.31.

¹⁴ A capacidade de assumir a minha existência na constante lucidez de ser-para-a-morte, que é o mais intimamente meu – morrer é a única coisa que ninguém pode fazer no meu lugar e, constitui o laço de autenticidade. O autêntico ser-para-a-morte só pode consistir, portanto, não em escapar dela, mas sim em suportá-la e, justamente, no seu carácter de possibilidade indeterminada, (...) somente aqui, a existência humana alcança sua suprema autenticidade, livrando-se da nulidade do quotidiano, alcançando-se para a mais elevada tensão, STEGMULLER, 1977, p. 145.

angústia como experiênciia do possível nada», herdada da tradição pós-socrática, no caso, dos Cínicos, Estóicos, Epicuristas, indo um pouco aos neoplatónicos e do pessimismo da «Antiguidade tardia», dos anos 50 antes de Cristo, quando Roma assumira uma hegemonia política e militar e ainda, dum século XIII caracterizado «pela tensão entre opostos inconciliáveis [...] *com máximas que caracterizavam a frivolidade e a afectação, mas, também, pela consciência da efemeridade de todas as coisas, ou seja, pelo facto de que tudo que é belo tem de perecer e decompor-se um dia*¹⁵» como *Carpe diem* (goza o dia), *memento mori* (recorda que tens de morrer), fundem-se num aspirar poetoexistencial de Sagare que nos recorda os dramas de Hamlet (num dia estamos na terra – no dia seguinte desaparecemos) e do poeta espanhol, Calderón, na sua mais linda peça: “A vida é Sonho”, que se dá de forma interrogativa – *O que é a vida? Loucura! O que é a vida? Uma ilusão, uma sombra, uma ficção.*

A este torpedear de acontecimentos, a consciência da morte nos lembra que somos um suplemento finito. Uma substância que não passa disso. Embora seja radical, a transpoematicidade de Okapi introduz por meio do «*Inventário de Angústias ou Apoteose do Nada*», o tema limite da finitude. A existência como diz Hottois no universo cognitivo de Heidegger é uma existência temporal e, por isso, finita, radicalmente limitada.

Entre a vida e a morte meio-termo não planto. Se planto tudo é Angústia e já não causa espanto. Espanto é andar distraído. Ir a parte alguma. Não. Posso crer em Deus...

Oh, triste enredo! Vou para sítio nenhum, passos mal dados: “a morte é sempre certa e na hora certa”, OKAPI, 2005:30.

Esse erotismo angustiante que se esboça entre a vida e a morte, entre o nada e o início, entre o... e quase que... da osmose entre ambos

¹⁵ GAARDER, Jostein., *O Munda de Sofia*. Lisboa: Editorial Presença, 1995

volta-se a uma atitude onde, por mais que a alteridade não possa morrer a minha morte, viver a minha vida (penando as suas amarguras, aguentando as suas dores, mergulhando nos seus entusiasmos), a morte, quer como dissolução total do ser (Epicuro) ou como passagem para um além da vida (platonismo, cristianismo), ela é uma condição-limite ainda que nos queiramos consolar, aceitando que a vitória dela não é total (Schopenhauer). Não há um meio-termo. E a escrita, enquanto criação de mundos possíveis, surge também como esta «construção e interpretação de imaginários», imaginários estes que reivindicam a sombra andante dum poema humano.

Associado ao devaneio da epifania neo-realista, Sangare transita com Virgílio Ferreira e se copula aos seus – António Nobre, Teixeira de Pascoais, Fernando Pessoa (sobretudo nos heterónimos Alberto Caeiro e Álvaro de Campos), ao que se denuncia:

Guardo as minhas Angústias como se de um rebanho se tratasse. Embora eu nunca tenha sido um dia guardador de rebanho, ou antes andar pastando pelos campos. Tal como sonhou Álvaro que não é Campos.

Guardo as minhas mágoas como se de lagoa se tratasse, pois sou todo uma mágoa. (OKAPI, 2005:33)

Campos e Okapi comungam para além da ampliação do sentir, o tédio, a náusea, a angústia existencial e o sentido do absurdo. O cansaço e a melancolia são atento quanto visível é no deslumbramento mostrado na palavra. Virando de trás para frente e de frente para atrás, de cima para baixo e de baixo para cima o que Roland Cahen escreve sobre o pensamento de Jung, diríamos que estes dois são a expressão desta actividade mental que vive em nós, que pensa, sente, prova, especula, à imagem da nossa actividade diurna, e a todos os níveis, desde o plano mais biológico até ao mais espiritual do ser. Sobre isto, Álvaro de Campos diz num diá-

logo que estabelece com Sangare Okapi,

O que há em mim é sobretudo cansaço

Não disto nem daquilo,

Nem sequer de tudo ou de nada:

Cansaço assim mesmo, ele mesmo,

Cansaço.

A subtileza das sensações inúteis,

As paixões violentas por coisa nenhuma,

Os amores intensos por o suposto alguém.

Essas coisas todasEssas e o que falta nelas eternamente;

Tudo isso faz um cansaço,

Este cansaço,

Cansaço.

Tendo visto que em parte alguma, decerto nada encontraria para curar um tédio cinematograficamente insaciável, parece ser o cansaço, enfim, um alojó da angustiante existência que é por definição um modernismo materialista. E se para Campos, essas coisas todas; essas... fazem o cansaço, para Sangare Okapi, asfíxiado pelo peso da existência afirma:

Como se tarde chegasse este cansaço que a vida me reserva.
Pesada é a cruz que ao corpo faz cratera. Doravante, sou a
folha caduca sem peso como o que o destino calha. A minha
existência (des)prezo: renuncio viver, (OKAPI, 2005:13).

Este chão metaontológico da faticidade que se assemelha a uma atitude romântico-pessimista provém da fragmentação do Eu e da combinação do fatalismo existencial mergulhado aos extremos anti-indivi-

dualistas do racionalismo. O silêncio verbal. O trágico e o nada co-opensam-se umbilicalmente. Filtrando de empréstimo o que Noa diz de Knopfli, nós declaramos do estivador Okapi. Com o vocabulário filosófico-existencial da sua poesia instala-se no centro do trágico, onde revela uma lucidez corrosiva e uma palpitação suprema da sua poesia que passa necessariamente por essa tragicidade carregada de contradições, angústias, fraquezas e carências¹⁶.

Como tenho dito incansavelmente: sou todo resto do que nada restou. Nada. E, só nadando neste mar morto da vida: todas as noites, no claustro de angústias, engulo estrelas apagadas no céu da minha boca (OKAPI, 2005:28).

Ou:

Ontem trouxeram-me o sol sobre o meu leito de Angústias. Como uma acha ou chama ou lume, dissolveu-me em cinzas.

Hoje trazem-me estas sementes de dor, que meu peito aberto infertilizam e anulam. Para além do que sou: pó das estradas. (OKAPI, 2005:27).

O nada e o desespero aparecem ao homem quando este, numa atitude interrogativa entra em relação com o mundo. Quer se trate do primeiro como do segundo, as imagens do resto; dum mar morto da vida; das estrelas apagadas no céu da boca, bem como do sol que se dissolve em cinzas; das sementes de dor que o peito infertilizam e anulam, todas elas nos levam a um niilismo que, traduzido, fica nadismo, porque a vida se apresenta desprovida de sentido e de valor. A interpretação do sentido do ser torna-se um foco angular não só para Sangare Okapi, mas para todos que herdaram os psicodramas sociais e por eles se sentem invadidos e perturbados, atropelados e questionados.

¹⁶ Cfr: NOA, Francisco., *A Escrita Infinita – Ensaio Sobre Literatura Moçambicana*. 2^a.Ed. Maputo: Ndjira. 2013

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BINDÊ, Jérôme. *Para Onde Vão os Valores?* 237ed. Instituto Piaget. Lisboa. 2006
- BODEI, Remo. *A Filosofia do Século XX*. 35ª ed. Lisboa. Edições 70. 1997
- GAARDER, Jostein., *O Munda de Sofia*. 14ª Ed. Editorial Presença. Lisboa. 1995
- HABERMAS, J., *Textos e Contextos*. Ed. Instituto Piaget. Lisboa. 2001
- HEIDEGGER, M., *A Essência do Fundamento*. Ed. 70. Lisboa. 1949
- HOTTOIS, Gilbert. *História da Filosofia, Da Renascença à Pós-Modernidade*. 96ª ed. Lisboa. Rama – Artes Gráficas, Lda. 2003
- JONA, Sara., *Entre o Índico e o Atlântico. Ensaio sobre literatura e outros textos*. Ndjira. Maputo. 2013.
- LIMA & MENESES, *Bioética e Teologia: As Qualidades de Vida*. Lisboa. Ed. IF PRESS. 2012
- NOA, Francisco, *A Escrita Infinita – Ensaio Sobre Literatura Moçambicana*. 2ª.Ed. Ndjira. Maputo. 2013
- PROSE, Francine, *Ler Como Um Escritor*. Casa de Letras. Portugal. 2007.
- SAÚTE, Nelson, *Nunca Mais é Sábado*. Dom Quixote. Lisboa. 2004.
- OKAPI, Sangare, *Inventário de Angústias ou Apoteose do Nada*. AEMO. Maputo. 2005
- STEGMULLER, W., *A Filosofia Contemporânea*. CPU. SP. 1977
- TOURAINÉ, Alan. *Crítica da Modernidade*. 16ª ed. Lisboa. Editora SIG. 1994